

CAMINHOS DE QUANDO E ALÉM, DE HELENA PARENTE CUNHA: EPOPEIA E MISTICISMO

RESUMO

Abordagem crítica à obra *Caminhos de quando e além*, da baiana Helena Parente Cunha, à luz dos estudos épicos de Silva e Ramalho e do reconhecimento do caráter metalinguístico e intertextual do poema, com o objetivo de destacar os momentos em que o diálogo com os poemas “Eros e Psique” e “Na sombra do Monte Abiegnó”, de Fernando Pessoa, consolida a proposta de realização de uma jornada épica mística, na qual vida e morte são confrontadas em nome de um sentido mais amplo para a existência humana. Além disso, pretende-se, a partir de formulações teóricas de Campbell, ressaltar os recursos que, aproximando os planos histórico e maravilhoso da obra, dão relevo ao ritual místico e simbólico como sustentação para a realização da viagem, organizada em 48 estações.

Palavras-chave: epopeia pós-moderna, espiritualidade, dialogismo.

CAMINHOS DE QUANDO E ALÉM, BY HELENA PARENTE CUNHA: EPIC AND MYSTICISM

Abstract

Critical approach to the work *Caminhos de Quando e Além*, by Helena Parente Cunha, from Bahia, in the light of epic studies by Silva and Ramalho and the recognition of the metalinguistic and intertextual character of the poem, with the objective of highlighting the moments in which the dialogue with the poems “Eros e Psyche” and “In the shadow of Monte Abiegnó”, by Fernando Pessoa, consolidate the proposal to carry out a mystical epic journey in which life and death are confronted in the name of a broader sense of human existence. In addition, based on Campbell’s theoretical formulations, it is intended to highlight the resources that, bringing together the historical and wonderful plans of the work, emphasize the mystical and symbolic ritual as support for the realization of the trip, organized in 48 stations.

Keywords: postmodern epic, spirituality, dialogism.

CAMINHOS DE QUANDO E ALÉM, DE HELENA PARENTE CUNHA: EPOPEYA Y MISTICISMO

Resumen

Una aproximación crítica a la obra *Caminhos de Quando e Além*, de Helena Parente Cunha, de Bahía, a la luz de los estudios épicos de Silva y Ramalho y el reconocimiento del carácter metalingüístico e intertextual del poema, con el objetivo de resaltar los momentos en que el diálogo con los poemas “Eros e Psyche” y “Na Sombra do Monte Abiegnó”, de Fernando Pessoa, consolidan la propuesta de realizar un viaje épico místico, en el que la vida y la muerte se confrontan en nombre de un sentido más amplio de la existencia humana. Además, a partir de las formulaciones teóricas de Campbell, se pretende resaltar los recursos que, aunando los planos histórico y maravilloso de la obra, enfatizan el ritual místico y simbólico como soporte para la realización del viaje, organizado en 48 estaciones.

Palabras-clave: epopeya posmoderna, espiritualidad, dialogismo.

INTRODUÇÃO

*Ajudai-me oh vós que me ouvís e me ledes,
vós, servos e escravos, rainhas e senhores das
conexões que não falham,
redatores de jornais e programadores de
noticiários televisivos,
ajudai-me a juntar as fatias e as frações
que se dispersaram nos calendários e
geografias de gelo e fogo.*

(Parente Cunha, 2007, p. 125)

Helena Parente Cunha¹, escritora baiana e professora emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro, publicou, em 2007, a obra *Caminhos de quando e além* (2007), caracterizada por Ramalho, no posfácio e em publicações posteriores, como uma epopeia pós-moderna. Composta por 48 “estações”, a obra propõe, em seus 2.443 versos, um diálogo com poemas de Fernando Pessoa, dando, contudo, destaque a “Eros e Psique” e “Na sombra do Monte Abiegnó”², que são apresentados na íntegra no livro. Esse diálogo, de natureza mística, e com evidente caráter metafórico e simbólico, se dá através, portanto, de uma jornada, em que uma primeira pessoa – um “ele-ela” – busca respostas para melhor compreender o sentido da vida. Essa jornada, de natureza épica, segundo Ramalho, “tem a função metonímica de ilustrar um desejo humano coletivo, representado pelo mito das metades divididas que se procuram” (2015, p. 120).

Vida e morte permeiam a viagem realizada e demonstram não uma dualidade, mas, sim, o interesse em desconstruir a visão antitética vida X morte, a partir do entendimento epifânico da morte também como uma jornada. Por isso, e do mesmo modo, como afirma Ramalho, “nessa busca orientada por estações que revelam gradual evolução do estado de espírito do ser que trafega, define-se uma representação metonímica e alegórica da própria busca humana pelo sentido da vida espiritual”. (2015, p. 120).

Nesta abordagem, busco realçar aspectos metalinguísticos e intertextuais da obra, destacando, de um lado, a configuração desse diálogo místico com “Eros e Psique”

e “Na sombra do Monte Abiegnó”, de Fernando Pessoa, à luz do olhar épico de Silva e Ramalho (2022), e, de outro, tendo como suporte o pensamento de Joseph Campbell (2007) acerca da vivência dos mitos, reconhecer os momentos em que os elementos que compõem o plano histórico da obra são trazidos para o campo mítico por meio de uma reinvenção dos espaços e das experiências humano-existenciais.

DIÁLOGO COM POEMAS DE FERNANDO PESSOA, AUTORREFERÊNCIA E POLIFONIA

Caminhos de quando e além, como já foi dito, apresenta, em seu subtítulo, uma informação que é, ao mesmo tempo, uma proposta: “Diálogo com poemas de Fernando Pessoa”. A partir dessa informação-proposta, a leitura é obviamente conduzida pela expectativa do encontro com esse diálogo, o que começa a se concretizar no texto de Parente Cunha intitulado “Antes de começar a caminhada” (p. 23-24), em que a própria poeta esclarece a motivação para a composição do livro:

Leitora assídua de Fernando Pessoa e fascinada pela sua obra, senti-me atraída pelo teor altamente simbólico do *Cancioneiro* e me dispus a uma espécie de diálogo, interagindo com vários poemas, sobretudo com os transcritos na epígrafe, “Eros e Psique” e “Na sombra do Monte Abiegnó”.

Meus versos, também tramados sob o jogo de luz e sombra do símbolo, interagem com as peripécias do Infante em busca da Princesa adormecida, perfazendo aqui uma atormentada travessia, em que a subida até o castelo no alto do Monte Abiegnó tem sentido equivalente ao despertar da Princesa. As imagens do Infante, dos reis e princesas de intertextualizar com representações pertencentes ao *Cancioneiro* (Parente Cunha, 2007, p. 23).

Além desses esclarecimentos, Parente Cunha fala da “busca intensa de um sentido mais profundo do viver” (Ibidem), o que configura a própria matéria épica do poema, uma vez que a oposição entre vida e morte e a imagem do caminho rumo às descobertas do sentido

da vida inserirão tanto o universo da vida vivida, real, cotidiana e histórica, como o sonho, a imaginação, os símbolos e os mitos que sustentam a imagem do desconhecido. Tal como afirma Manuel Antônio de Castro na apresentação de *Caminhos de quando e além*, “o humano é humano enquanto demanda do poético-sagrado” (Castro, 2007, p. 22), ou seja, a jornada a ser realizada, ao molde das que se apresentam no *Cancioneiro* de Pessoa, em especial em “Eros e Psique” e “Na sombra do Monte Abiegnó”, não pode prescindir da integração do simbólico, mítico e místico, à existência humana, porque é na fusão dos sentidos racional e mítico da vida que se pode alcançar alguma compreensão sobre a força que nos move, inevitavelmente, rumo à morte, sempre desejando vida.

Logo após o texto assinado por Parente Cunha, como vimos, temos os dois poemas citados, na íntegra, tratados como epígrafe. Percebemos, assim, que a poeta mapeia a leitura a ser realizada. De um lado, uma apresentação em próprio punho, que explicita o recurso da intertextualidade, convidando-nos, inclusive, a uma atenção ainda mais ampla ao referente Pessoa, uma vez que não serão apenas os dois poemas as fontes para o diálogo a ser estabelecido, mas o próprio *Cancioneiro*, assinado pelo ortônimo.

Como não caberia em espaço tão curto uma busca mais detalhada de outras referências extraídas do *Cancioneiro*, trago, ao modo de Parente Cunha, os dois poemas de Pessoa, para tecer algumas observações. O primeiro poema apresentado é “Eros e Psique”, cuja epígrafe, publicada na versão original, não é citada em *Caminhos de quando e além*. Porém, recuperar essa epígrafe aqui é válido, porque denota claramente o caráter místico do poema pessoano, uma vez que alude à Ordem Templária de Portugal e à configuração mística que estabelece a clivagem entre mestres e aprendizes, tal como acontecerá no decorrer do poema. Vejamos:

Eros e Psique

... E assim vêdes, meu Irmão, que as verdades que vos foram dadas no Grau do Neófito, e aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto Menor, são, ainda que

opostas, a mesma verdade.

*Do Ritual do Grau de Mestre do Átrio
Na Ordem Templária de Portugal*

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.
(Pessoa apud Galhoz, 1974, p. 181)

Um comentário de Gebra (2007) sobre “Eros e Psique” me parece suficiente para demonstrar a base da inter-

textualidade que Parente Cunha realizará em *Caminhos de quando e além*: “O poema de Pessoa deixa sugerido o aspecto ritualístico, metaforizado por um caminho de tentações do mundo material, cujo percurso levaria o sujeito ao encontro das verdades eternas” (Gebra, 2007, p. 72). Ou seja, a poeta resgata o aspecto ritualístico da jornada a ser vivida em 48 estações eivadas de questionamentos – no total, temos 436 perguntas apresentadas no decorrer dessas “estações”.

Os referentes “Infante” e “Princesa” reaparecem diversas vezes durante *Caminhos de quando e além*, mesclados a outros versos de Pessoa – destacados em itálico – reforçando a imagem de um “ele-ela”, o qual caminha até o encontro com seu próprio espelho, que, entretanto, pela natureza metonímica da viagem, é também o espelho de cada um de nós, já que os questionamentos não são particulares, mas expressam a própria ânsia humana por respostas.

O Infante em movimento e a Princesa estagnada são, afinal, um só. Metades que a simbólica hera – tal como as que isolaram a Bela Adormecida – não permite que se encontrem até que chegue o momento da epifania. E os questionamentos são os passos necessários para se chegar a esse instante epifânico, a essa fusão entre “Alfa” e “Ômega”, que aparecerá nos últimos versos do poema, aos quais, mais adiante, darei destaque particular.

Sobre a necessidade dos questionamentos, o poema, metalinguisticamente, nos comunica:

Por que perguntar? Respostas cifradas coram
nossa carne.
Roçamos suposições, esboçamos esquemas,
quem nos dirá a verdade de estarmos senta-
dos ao pé do fogo,
em cima da pedra dos sacrifícios?
(Parente Cunha, 2007, p. 46)

Recuperar os poemas do *Cancioneiro* pessoano parece indicar uma possibilidade de encontrar esse “quem”. O ir e vir pelos poemas, além do Infante e da Princesa, que são um só, sugere o próprio exercício da fruição literária como caminho para uma filosofia própria que nor-

teie essa busca pelos sentidos da vida. E, nesse âmbito, a materialidade sónica de “Na sombra do Monte Abiegnó” reforça a ideia da viagem e, também, a necessidade da meditação sobre a própria jornada a ser conduzida por um outro capaz de oferecer respostas. Cito o poema:

Na sombra do Monte Abiegnó

Na sombra do Monte Abiegnó
Repousei de meditar.
Vi no alto o alto Castelo
Onde sonhei de chegar.
Mas repousei de pensar
Na sombra do Monte Abiegnó.

Quando fora amor ou vida,
Atrás de mim o deixei,
Quando fora desejá-los,
Porque esqueci não lembrei.
À sombra do Monte Abiegnó
Repousei porque abdiquei.

Talvez um dia, mais forte
Da força ou da abdição,
Tentarei o alto caminho
Por onde ao Castelo vão.
Na sombra do Monte Abiegnó
Por ora repouso, e não.

Quem pode sentir descanso
Com o Castelo a chamar?
Está no alto, sem caminho
Senão o que há por achar.
Na sombra do Monte Abiegnó
Meu sonho é de o encontrar.

Mas por ora estou dormindo,
Porque é sono o não saber.
Olho o Castelo de longe,
Mas não olho o meu querer.
Da sombra do Monte Abiegnó
Que me virá desprender?
3-1-1932
(Pessoa apud Galhoz, 1974, p. 162)

Como se vê, o poema pessoano sublinha a necessidade de um “quem” que ajudará o eu em jornada a compreender a simbologia de “Castelo” que o chama constantemente. Na “Estação 16”, o eu-lírico/narra-

dor dialogará diretamente com esse poema pessoano, criando, por sua vez, um diálogo interno entre esse “eu” e um suposto “quem”, através do qual respostas podem ser apontadas:

Por onde eu andei, não sei, mas chegar também será ilusão?

Rastejas, mas da altura de tua altivez, não desceste.
Como subir a montanha do Monte Abiegnio?
Queres ir a teu povo, queres retomar teus direitos,
tua coroa, teu cetro, as flores de tua saia rodada.
Queres retomar o que jogaste na lama, queres, mas não queres o verdadeiro querer de te saíres do chão da maldição e retomares as veredas
por onde escreveste a fuga das promessas e juramentos.
(Parente Cunha, 2007, p. 83)

Curiosamente, nesse trecho (e também em diversos outros), a intertextualidade com Pessoa deixa emergir, em face quase oculta, a intertextualidade com a própria obra anterior de Helena Parente Cunha; “as veredas/por onde escreveste a fuga das promessas e juramentos”. Assim, os questionamentos sobre o existir também podem ser lidos como autorreferências que recuperarão não os passos de natureza filosófico-existencial, mas os passos literários da autora, tal como aponta Ramalho quando se refere ao “Prólogo”, parte que, depois da citação dos poemas de Pessoa, na íntegra, funciona como a proposição épica do poema – aspecto que discutirei na segunda parte deste artigo.

Ramalho observa que o “Prólogo” faz alusão aos livros anteriores de Parente Cunha, trazendo versos que remetem diretamente a outros. Vejamos o que recupera Ramalho (2015, p. 130-131), revelando esse diálogo autorreferencial de *Caminhos de quando e além* com poemas de *Moderna Poesia Bahiana* (1967), *Corpo no cerco* (1978) e *Maramar* (1980), *O outro lado do dia* (1995), *Cantos e cantares* (2005) abaixo referenciados com as iniciais de cada livro:

Agora é o começo
De qual começo é agora?
(CQA, p. 29)

Nos limites do chão
e no ilimitado de além
estaremos ressurgidos
para o afinal começo
de começar (MPB, p. 193)

o mundo começa na minha janela
(CC, p. 22)

O COMEÇO DO CAMINHO

Como entender
Que não posso entender?
(OLD, p. 86)

O universo acontecia
e começava ali
(C e C, p. 21)

Alguém me dirá
que a contagem regressiva
não é começo nem fim
(C e C, p. 68)

Por meio do exemplo desses pequenos trechos, percebe-se que, além do diálogo com poemas do *Cancioneiro* pessoano, *Caminhos de quando e além*, também está inserida toda a poesia anterior de Parente Cunha, na jornada que se realiza. Mas não é só. Outras referências, entre autores/as, obras e personagens literários/as, se fazem presentes, como Quixote, Jocasta, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Jerusalém Libertada, a *Bíblia*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, etc. Mapear, pois, a intertextualidade no poema é tarefa que exige olhar minucioso.

Por fim, nesta primeira parte o que objetivei revelar é que o sentido do diálogo se amplia em duas direções: uma autocentrada, em busca da recuperação dos próprios signos inventados; outra, polifônica, que explora o *Cancioneiro* pessoano de forma mais abrangente que a citação dos dois poemas poderia, aparentemente, sugerir, mas também recupera signos da tradição literária universal.

Como veremos a seguir, essa configuração múltipla projeta os signos recuperados no campo simbólico e místico da jornada pelas 48 estações, promovendo o que Joseph Campbell (2007) chamou de “viver os mitos”, ainda que os próprios.

RECURSOS PARA UMA UNIDADE ÉPICA E BREVE CONCLUSÃO

Segundo Anazildo Vasconcelos da Silva (2022), dupla instância de enunciação, matéria épica, heroísmo épico, plano histórico, plano maravilhoso e plano literário são as categorias básicas que compõem uma epopeia. O reconhecimento da dupla instância de enunciação – a presença simultânea de um eu-lírico e uma ou mais vozes narrativas – é bastante clara em *Caminhos de quando e além*, uma vez que, para além das imagens líricas marcadas pela presença de subjetividade e construções figuradas, o poema tem uma unidade narrativa, sustentada por meio da jornada em 48 estações, pela presença de um eu (ele-ela) que dialoga com um outro, o Mestre, e pelas referências a diversos acontecimentos, espaços e conflitos.

Acompanha-se, portanto, a viagem desse “eu-lírico/narrador” (a dupla instância de enunciação, tal como nomeia Silva) de forma diacrônica, por intermédio das “estações”. E, no desfecho da viagem, princípio (Alfa) e fim (Ômega) se fundem, estabelecendo não o fim, mas a consciência de uma circularidade em movimento constante. É o momento ao mesmo tempo filosófico e metalinguístico em que, por meio da vivência da intertextualidade, da autorreferenciação e da polifonia, esse eu-lírico/narrador, tal como o Infante e a Princesa se vê duplo (“E vê que ele mesmo era / A Princesa que dormia.”), Rei/Rainha, no encontro profundo consigo mesmo:

Grava o traço firme da ancestralidade na
projeção da descendência.
Alfa e Ômega recomeçam o incessante
começar que não tem começo nem fim.
(Parente Cunha, 2007, p. 177)

Para chegar a esse ponto de fusão, o poema entrelaça o plano histórico – apresentado em diversos fragmentos,

que incluem o diálogo com Pessoa, com outras diversas fontes literárias e, principalmente, com a própria trajetória de Parente Cunha como poeta – com a simbologia mística e mítica que se extrai da vivência dos signos trazidos para o corpo do poema de forma ritualística.

Sobre a vivência de experiências míticas, Joseph Campbell, em *Para viver os mitos* (2007), alerta:

Nossa consciência orientada para o exterior, dirigida para as demandas do dia-a-dia, pode perder contato com essas forças internas; e os mitos, afirma Jung, quando lidos corretamente, constituem o meio de nos pôr de volta em contato. Eles nos contam, em linguagem figurada, a respeito de forças da psique a serem reconhecidas e integradas em nossas vidas, forças que sempre foram comuns ao espírito humano e que representam a sabedoria da espécie, graças à qual o homem tem vencido os milênios (Campbell, 2007, p. 20-21).

Partindo dessa premissa de Campbell, entendo haver, no plano literário de *Caminhos de quando e além*, colocado, inclusive, no “Prólogo” que abre a jornada, um propósito de tornar os referentes extraídos da história e da literatura como imagens míticas a serem vivenciadas por meio da experiência mística de propor questões sobre a vida e a morte, tendo como bússola o poder simbólico dos signos que atravessam suas obras originais (inclusive as da própria autora), para ganhar, no corpo das “estações”, um lugar próprio que permitirá que se chegue a essa consciência da fusão entre realidade e sonho, razão e emoção, o eu e o outro.

Em sua análise da obra, Ramalho (2015, p. 130) detecta, na repetição da expressão “é preciso”, a chave para a leitura do movimento estruturante da viagem ou jornada que será realizada:

Caminhos de quando e além (2007) reformata toda uma obra lírica, destituindo o poder revisionista do eixo existencialista para transferi-lo ao eixo espiritualista, comandado por seis “é preciso”: “escrever” (p. 31), “começar” (p. 27), “confiar” (p. 39), “despertar” (p. 63), “reconstruir” (p. 116) e “navegar” (p. 146).

Nesse sentido, Ramalho reconhece que *Caminhos de quando e além* foge do espaço restrito da subjetividade para alcançar, no duplo “ele-ela”, “Infante-Princesa”, “Rei-Rainha”, uma representação simbólica dos questionamentos humanos diante da certeza da morte e da incerteza da continuidade da vida após a morte. A consciência do “é preciso” incita à ação do eu que assumirá a jornada heroica e épica de criar perguntas e buscar respostas para o existir.

No entanto, o plano literário, ao optar pela jornada mística, investindo, portanto, no plano maravilhoso, não pode prescindir dos registros da realidade, pois, tal como afirma Campbell: “Há igualmente um perigo, a saber, o de ser arrastado pelos próprios sonhos e por mitos herdados, para fora do mundo da consciência moderna, fixada em padrões arcaicos, de sentimento e de pensamento, inadequados à vida contemporânea.” (Campbell, 2007, p. 20).

Assim, desde o “Prólogo”, a clareza acerca das contingências da realidade e das jornadas anteriores é expressa:

As lembranças me assaltam, saltam deste lado
para a outra margem.
Desde quando se dissolvem ou se somam na
sombra e no susto
sem meio nem contorno?
Não sei se vou ou se fico,
não sei se falo ou me calo,
mas pergunto a hora de erguer a cortina.

Os prazos se aproximam, cercam os pêndulos
do tempo.
Aqui era assim. Ali nunca se expressou.
Vergonhas e silêncios sem resposta
nem pergunta.
Sequer.
Hora de erguer a cortina? Mais.
(Parente Cunha, 2007, p. 29)

Essa consciência da necessidade de partir (“é a hora”, que também remete a Pessoa, em sua epopeia *Mensagem*), ao lado da percepção sobre o “eu” dividido entre movimento (ir) e estagnação (ficar), entre o verbo (falar) e o silêncio (calar) elaboram a própria condição humana de nos vermos sempre acompanhados e acompanhadas pelas incertezas. Mas a viagem está decidida – “Sei da minha mochila e do bastão para ir” (Parente Cunha,

2007, p. 30) –, “pois escrever é preciso” (Ibidem, p. 31).

Inserida, tal como afirma Ramalho (2015), na trajetória da época pós-moderna, a obra *Caminhos de quando e além* será igualmente marcada pelo hibridismo – ou “hibridação”, segundo Silva (2022) –, que associa aqui à já comentada intertextualidade múltipla que o poema vai nos apresentando.

Sobre a epopeia pós-moderna e a hibridação, Silva explica:

O princípio da hibridação do Pós-Modernismo configura-se plenamente na elaboração intratextualizada da proposição de realidade histórica, unidade totalizadora da relação de diferentes contextualizações superpostas; da estrutura mítica, unidade totalizadora das diversas aderências míticas referenciadas; do herói épico, individualidade integradora das várias subjetividades superpostas na instância de enunciação do eu-lírico/narrador; da viagem heroica, percurso espaço-temporal que recicla os percursos de outras viagens anteriores; do relato épico, unidade narrativa que encadeia os relatos particulares; e assim por diante (Silva; Ramalho, 2022, p. 177-178).

Como é possível associar o que Silva fala com *Caminhos de quando e além*? Não é difícil. Basta observar como o encadeamento dos referentes históricos e míticos se expande, do mesmo modo como vimos em relação à intertextualidade, a mistura entre um “eu” aparentemente individualizado nesse “eu” mais amplo, inclusive, aqui já comentado e cuja amplitude lhe confere o papel de realizar um heroísmo metonímico que fala do ser humano. Nesse seguimento, alguns trechos da obra ilustram as considerações de Silva. Então, tomemos alguns versos extraídos de diferentes estações:

*Emissário de um rei desconhecido
eu cumpro informes instruções de além*

Medo não tenho. As medalhas me brilham
no peito.
Decretos em pergaminhos desenrolam men-
sagens de
quando.

Rolos de papiro e papel *couché*, telas de
videoclipe, o que
houve, meu rei? Perdi a conexão.
Não leio as tábuas da lei que me mostras,
hieróglifos se desenham incógnitos.
Se não sei ler, senhor, como seguir teus estes
tais comandos?
(Parente Cunha, 2007, p. 36)

Os dois primeiros versos, citações diretas do poema “XIII - Emissário de um rei desconhecido”, de Fernando Pessoa, são seguidos pelo anúncio de um heroísmo que se assume (“As medalhas me brilham no peito”), ainda que a mescla de referentes temporais (“pergaminhos”, “rolos de papiro”, “papel *couché*”, “videoclipe”, “conexão”) e uma suposta “perda de conexão” evidenciem um heroísmo ainda perdido em relação ao “como” realizar a jornada e ao próprio sentido do que se vai realizar. O hibridismo temporal – “mensagens de quando” –, presente em referentes históricos relacionados à escrita e à comunicação, demarcam que o “escrever é preciso” ainda está carente das letras que deverão, de fato, desenhar o “começo” da viagem.

Também na “Estação 9” encontramos versos que falam da natureza múltipla desse sujeito heroico que representa, por isso, o ser humano em sua história existencial:

Mil séculos não bastarão para que te arrastes
no chão que
Cuspiste,
ao abandonares teus vínculos e juramentos.
Por onde passas, as plantas fenecem,
os pássaros calam o canto e caem a teus pés.
Pega tua trouxa de farrapos e parte para as
fronteiras do
deserto
de onde não deverias ter saído.
Recebe o escarro e o escárnio das caravanas
que passarão
por tua maldição

[...]

Não seguiste as ordens do rei nem cumpriste
a lei.

Muito terás que caminhar até chegares à som-
bra do Monte
Abiegno.

Despertar é preciso.
(Parente Cunha, 2007, p. 62-63)

Nesse trecho, a voz do Rei ou Mestre interpela o eu-lírico/narrador viajante, encarnado numa imagem de mulher, para lembrar o peso da miséria humana, numa síntese das ruínas que se recolhem da relação do ser humano com o mundo. Por isso, a jornada simbólica até o Monte Abiegno também exigirá a purgação dos delitos por meio da memória que recupera a dor para despertar a consciência.

Desse modo, Ramalho aponta: “Cada estação representa uma etapa de aquisição do conhecimento mítico que, simultaneamente, desconstrói as vivências mundanas e estabelece os enfrentamentos heroicos necessários para a chegada à estação final” (2015, p. 122). Ou seja, o heroísmo exige o reconhecimento das mazelas e imperfeições humanas. Por isso, na “Estação 10”, uma síntese de equívocos humanos será apresentada pela voz do Rei-Mestre que conduz a viagem. Direcionando-se, agora, ao eu-lírico-narrador como um “ela-ele”, o Rei-Mestre diz:

Tu mesma e tu mesmo
vos jogastes no lodo dos excluídos do vosso
povo.
Tu e tu vivestes todas as abjeções, todas as
ignomínias,
roubo, estupro e morte de inocentes,
discriminação de raça, credo e classe,
fostes algozes, torturadores e carrascos.

Agora sabeis o caminho a seguir,
sem coroa nem séquito, nem pedrarias, nem
cavalos nas estrebarias,
nem carruagens, nem multidões nas
aclamações.
Muito andareis no calor e no frio,
pois sol, chuva, granizo e neve
não perdoam os itinerantes sem pouso nem
norte.
Seguis pelas palavras que esquecesteis, ao
caminhardes vossa escolha,

sem lerdes as cartas do vosso baralho cigano
e zombando dos vaticínios desenhados no
novo horóscopo.
(Parente Cunha, 2007, p. 66-67)

Em um painel múltiplo, que não define tempo nem espaço, mas apenas a sordidez de ações humanas que abandonaram as lições das linguagens míticas, o poema chama ao reconhecimento de uma existência perversa através dos tempos, em que signos como “roubo”, “estupro”, “morte de inocentes” e “discriminação de raça, credo e classe” determinam que a viagem, necessariamente, terá que ser precária e apresentar desafios de superação. Por isso, o heroísmo, além de híbrido (porque atravessa espaços e tempos), é metonímico. Esse ela-ele fala por todos nós.

O percurso vivido pelo eu-lírico/narrador também nos faz recordar o que afirmou Campbell (2007) sobre a necessária busca humana: “Deve existir apenas uma contínua busca por mais – como a de uma mente ansiosa por crescer.” (p. 22), a busca por “um mundo de mudanças, de novos pensamentos, de coisas novas, de novas magnitudes e de contínuas transformações, e não de petrificação, de rigidez ou de alguma ‘verdade’ estabelecida e canonizada” (Ibidem).

A resposta à dor da jornada surge, entre outros, na “Estação 14”, em que o eu-lírico/narrador, mais uma vez integrando o plano histórico à vivência da jornada mística, elenca o enfrentamento das mazelas, sem, contudo, ter ainda a chave para alcançar a fusão que harmonizará a caminhada. Daí a exposição ao Mestre:

Loucos amores, loucas paixões, loucos
enganos, loucas magias,
loucas fogueiras condenatórias, loucas
chibatadas no tronco e no pelourinho,
enforcamentos, mutilações, torturas,
loucas loucuras, perdas de perdições.

E agora, meu Mestre?
Como fugir do desmembrado grito que me
expõe?
O que fazer dos destroços do que não sou mais
nem como poderia ter sido o que não soube ser?
(Parente Cunha, 2007, p. 78-79)

Nesse momento da jornada, o eu-lírico/narrador está se despindo da própria desumanidade simbólica, que, historicamente, recuperará, entre outros, a Inquisição, a Escravidão, a violência das ditaduras, para poder se reinventar como ser. O caminho para isso, contudo, ainda não parece estar ao alcance das mãos.

Na “Estação 19”, o Mestre avisa:

Ainda não sabes que és rei e rainha de ti
mesma.
Alça-te da sombra dos milênios e retoma a
jornada,
pois muito terás que viajar até chegares ao
pouso
onde aquele que tanto morreu por ti ainda te
aguarda.
(Parente Cunha, 2007, p. 93)

Essa constatação e esse aviso se aliam, de um lado, à necessidade do autoconhecimento e da consciência da plenitude do ser que se funde à sua própria metade, e, de outro, a uma dimensão mística que sugere a crença cristã.

Já na “Estação 24”, o Mestre ressalta o equívoco humano de se guiar pelas molas do tempo que se mede em números e letras:

O tempo é ficção para quem conta os minutos em números
e letras
e busca superações nos limites de calendários, de bússolas,
de radares.
O tempo se intemporaliza além do tempo de caminhar e
escrever
por fora de vossos corpos.
Hora virá em que mergulhareis nos arcanos
de vossa
morada solitária
para desvendar a origem de vossa fonte
as alvoradas de vosso acontecer.

Vós não vos reconhecereis nesta capa de
corpo que vestis,
homem e mulher dos gritos e suspiros em
desassossegos
e ânsias
de futuros encontrar-vos.
(Parente Cunha, 2007, p. 105-106)

Como aqui tenho demonstrado, do diálogo entre o eu-lírico/narrador e o Mestre, brotam interseções entre o plano histórico e o místico-maravilhoso, das quais resultam esse ser híbrido, metonímico e múltiplo que cabe num ser em jornada que, na verdade, é qualquer um/uma em humanidade. Também por isso, o Mestre, na “Estação 27” pode dizer:

Ainda não sabes nem sabeis quem sois no
turbilhão de
nomes que envergastes
e no novelo de endereços e ruas sem saída
onde residias
mas não moravas?
És Lampião ou fostes Bonaparte?
Um dia serás César ou vos chamareis Zumbi?
És Laura, Beatriz ou eras Maria Bonita?
Se fostes Dandara, como ser Quitéria ou
Dona Leonor
Teles?
(Parente Cunha, 2007, p. 115)

A compreensão de existir de forma múltipla e agregar em si homens e mulheres de todos os tempos e espaços potencializa a dimensão do heroísmo dessa jornada, que fundirá o signo da vida ao da morte, em um exercício de autoabandono que, afinal, é um resgate da própria inteireza.

Nesse diálogo, é ainda importante demarcar: estabelece um ritual, cuja simbologia maior está diretamente relacionada ao processo metonímico de autoconhecimento. Na linha de pensamento de Campbell (Cousineau, 2003), a prática ritualística tem como função orientar o ser rumo ao encontro com seus sonhos e com o sonho maior da plenitude espiritual:

Eu diria que a função principal dos ritos é orientar um indivíduo, levando-o à consciência onírica, que é o nível produtivo, a segunda área de nível em *AUM*, tal como é interpretada em um dos *Upaxinades*. A consciência onírica é mais profunda e criativa, enquanto a consciência desperta é crítica. Tem uma lógica inteiramente diferente. No sonho, nós somos o sonho (Campbell Apud Cousineau, 2003, p. 93).

Se voltamos aqui para os poemas “Eros e Psique” e “Na sombra do Monte Abiegnó”, com os quais *Caminhos de quando e além*, entre outros, dialoga literária e filosoficamente, constataremos o paralelo no uso dos pares “dormir/sonhar”, de “Eros e Psique”, e “pensar/sonhar”, de “Na sombra do Monte Abiegnó”. Nesse mesmo sentido caminha o poema de Parente Cunha, quando o Mestre fala: “Desperta deste sono em que dormes,/ enquanto sonhas com a verdade de teu sonho./ Ainda não aprendeste que na rede de maya, tu caminhas/ sem sair do lugar?” (Parente Cunha, 2007, p. 132). Dialogando com a filosofia hindu, o Mestre se refere ao mundo de ilusão (maya) criado pelo pensamento humano no momento em que afirma os dualismos como paradigmas para conduzir sua existência. Daí a necessidade de o eu-lírico/narrador se enxergar como um duplo constantemente reinventado nos ciclos da vida e da morte, que, como um todo, acabam sendo indivisíveis.

Na “Estação 35”, o mestre ensina:

Enquanto escreves, dormes, enquanto
dormes, caminhas,
enquanto caminhas, vives e revives mortes e
martírios,
idas e vindas de vidas idas e esquecidas.

Quantas vezes atravessaste as fronteiras do
Hades?
Quantas vezes o barqueiro sinistro te levou
para a outra margem?
Quantas vezes mergulhastes nas águas dos
Letes antes de te entregares ao líquido
pulsar maternal do nascedouro?
(Parente Cunha, 2007, p. 138)

O plano místico-maravilhoso ganha, aqui, a perspectiva reencarnacionista como resposta para a circularidade infinita do ir e vir da jornada humana. Porém, curiosamente, desprendendo-se do ser, a escrita fica como registro e lição, o que traz o poema de volta ao contorno metalinguístico: “O manuscrito falará por ti/ para os que despertarem do sono ancestral/ e para os que vierem depois das enchentes e dos/ terremotos” (Parente Cunha, 2007, p. 140). A escrita ou o poema que se escreve no decorrer da jornada se separa do sujeito

que fala para se integrar à multiplicidade de sujeitos que o receberão. Desse modo, a jornada heroica, além de promover a consciência do ser como um todo, também possibilita a presença residual e, de certo modo, independente da escrita ou do “diário de viagem” que realizará suas próprias travessias, misturando-se com outras existências.

As “estações” finais continuarão habitadas de perguntas, pois o encontro com a “última estação” não mata a existência da experiência mítica/mística, afinal, “*O mytho é o nada que é tudo.*” (Parente Cunha, 2007, p. 162), diz o poema, recuperando a *Mensagem épica*, de Fernando Pessoa. E, por ser tudo, a experiência mítica, no clímax da jornada, explodirá em questionamentos que incorporam diferentes imagens míticas, numa epifania que, finalmente, compreenderá que a dimensão mítica da existência humana é e sempre será plurissignificativa e multirreferencial, exigindo mais e mais perguntas, em um ir e vir realmente infinito, como se vê na “Estação 46”:

Mistério ou mentira? O que sabe a lenda sobre
o que o
mito diz?
Para quem tem ouvidos e ouve mais do que
escuta,
a verdade se excede e se expande além de suas
próprias
balizas.

O eterno mito do retorno é retorno a quê? A
quem?
Ao morno útero do tépido éden?
E a casa do pai, onde é a casa do pai:
De onde vem, arrependido e aprendido, o
filho que partiu do pai?
O que perdeu quem perdeu o paraíso perdido?
Tu ouviste a comunicação da serpente?
Quem violou o espaço proibido?
Foram vocês os que negaram a si mesmos três
vezes antes
do galo cantar?
Quando retornarão à casa do pai os que
degolaram as crianças?

O que suplicam os devocionados em
peregrinações
a Meca, a Jerusalém, a Lurdes, a Aparecida, a
Compostela, ao Canindé?

E o que buscam eles no que buscamos nós em
frenes e febres e alucinações
em torno do objeto perdido, nós, tu, eu?
E o que buscamos, na vertigem e no sonho de
chegar e viver
a narrativa do Eldorado ou os versos do
Monte Abiegnó?
(Parente Cunha, 2007, p. 171-172)

Essas perguntas, que não são as derradeiras, evidenciam, contudo, que o plano histórico da existência já se fundiu ao maravilhoso. A consciência de que a jornada é múltipla e coletiva, também. Segundo Ramalho (2015),

Caminhos de quando e além foi, portanto, para Helena Parente Cunha, a “hora” do canto largo, comprometido com a humanidade e a espiritualidade, um canto do qual o epos pluralíssimo de que se compõe a história humana reúne imagens míticas pagãs, cristãs, ocidentais e orientais, somadas a imagens históricas de contextos diversos [...] e reintegradas pelo exercício pleno da escritura épica, hoje força incontestável de afirmação da Arte frente ao aniquilamento cultural imposto pelas perversas práticas políticas e econômicas de um mercado nada humano (Apud Parente Cunha, 2007, p. 186)

Por fim, o que tentei demonstrar aqui foi que essa jornada épica resultou de um plano literário complexo, em que a intertextualidade com Pessoa se ampliou e se conectou com outros referentes, incluindo as obras anteriores de Parente Cunha, para amalgamar uma dimensão metalinguística, na qual a escrita do poema em si mesma ganhou vida e sentido próprios enquanto o sujeito coletivo, o qual realizou a jornada pôde, ao final dela, descobrir que o “começar” “não tem começo nem fim” (Parente Cunha, 2007, p. 177).

REFERÊNCIAS

- Campbell, J. Para viver os mitos. Tradução Anita Moraes. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.
- Castro, M. A. de. Apresentação. A via-sacra do poético. In: Parente Cunha, H. Caminhos de quando e além. Diálogo com poemas de Fernando Pessoa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007, p. 13-22.
- Cousineau, P. A jornada do herói. Joseph Campbell, vida e obra. Tradução: Cecília Prada. São Paulo: Ágora, 2003.
- Parente Cunha, H. Caminhos de quando e além. Diálogo com poemas de Fernando Pessoa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.
- _____. Cantos e cantares. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.
- _____. Além de estar. Antologia poética. Rio de Janeiro: Imago; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2000.
- _____. O outro lado do dia. Poemas de uma viagem ao Japão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- _____. Corpo no cerco. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- _____. Maramar. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1980.
- Galhoz, M. A. (Org.). Fernando Pessoa. Obra poética. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1974.
- Gebra, F. de M. A tradução literária do discurso esotérico em “Eros e Psique”, de Fernando Pessoa. Linguagens. Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, 2007, v. 1, n. 1, p. 65-72, jan./abr.
- Ramalho, C. Caminhos de quando e além. Epopeia/poema épico. In: Revista Épicas, 2019, Ano 3, Número Especial 2, Set, p. 1-5.
- _____. Caminhos de quando e além, de Helena Parente Cunha. In: Natário, C.; Bezerra, C. C.; Carlos, E. M.; Epifânio, R. Errâncias de um imaginário: entre o Brasil, Cabo Verde e Portugal. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2015, p. 118-139.
- Silva, A. V. da; Ramalho, C. A semiotização épica do discurso e outras considerações sobre o gênero épico. Jundiá: Paco Editorial, 2022.

NOTAS

- 1 Cito aqui as informações sobre a autora apresentada por Ramalho (2019): “Helena Parente Cunha nasceu em Salvador (1930). Ela é ensaísta, poeta, romancista, romancista, crítica literária, professora universitária e tradutora. Algumas de suas produções literárias: poemas, *Maramar* (1980), *Além de Estar* (2000), *O Outro Lado do Dia: Poemas de uma Viagem ao Japão* (1995), *Cantos e Cantares* (2005), *Impregnações na floresta* (2013), *Poema para a amiga e outros dizeres* (2014), *Hora de fogo* (2017); contos, *Cem Mentiras de Verdade* (1985), *A Casa e as Casas* (1996), *Vento, Ventania, Vendaval* (1998), *110 mensonges pour de vrai* (2016); romances, *As Doze Cores do Vermelho* (1989), *Claras Manhãs de Barra Clara* (2002), *Mulher no espelho* (2003), entre outras. Seus textos foram publicados em antologias no Brasil e no exterior”.
- 2 “Diálogo com os poemas de Fernando Pessoa” é o subtítulo da obra.

A AUTORA

Cláudia de Sousa é Doutora em Estudos da Linguagem – Literatura Comparada e Análise Textual do Discurso (ATD), pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN-BR) e pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTA-D-PT), através do doutorado sanduíche, com bolsa integral CAPES. Grau obtido no ano de 2015, com a tese *Fragmentos e abismos discursivos do Livro do desasocego*.

